



FALAS DA TERRA NO SÉCULO XXI

What do we
see green?

COORDENADORAS

ANA ISABEL QUEIROZ

INÊS DE ORNELLAS E CASTRO

L
to de
os de
tura
cional
I

ESFERA DO CAOS



1

Ambiente: o discurso e a crítica

Ana Isabel Queiroz

IELT – Instituto de Estudos de Literatura Tradicional
FCSH, Universidade Nova de Lisboa

1. Há algumas décadas, o ambiente constituía tema de reflexão para os físicos, os biólogos, os engenheiros, os sociólogos e para mais algumas formações científicas, ligadas sobretudo às ciências naturais e sociais. Vulgarizada no último quartel do século XX, a expressão 'crise ambiental' convocou para a discussão um leque mais alargado de especialistas, nomeadamente historiadores, filósofos e literatos, iniciando um processo alargado que hoje envolve todas as disciplinas do conhecimento.

Actualmente, as questões do ordenamento do território, do tratamento dos resíduos, da qualidade do ar e da água, da perda de biodiversidade e das alterações climáticas são também tópicos noticiosos veiculados pelos *media*, nas primeiras páginas dos jornais ou nos primeiros momentos de emissão radiofónica ou televisiva. O uso das novas tecnologias da informação, hoje generalizadas, tem ainda permitido conhecer (e mesmo assistir em directo a) catástrofes naturais, episódios de destruição dos recursos naturais, acções de contestação destas práticas, etc.

Ao mesmo tempo, os programas escolares do ensino básico e secundário incorporam a temática ecológica, transmitindo conhecimentos e fomentando novas atitudes para uma vivência mais 'amiga do ambiente'. A nível universitário, ainda que de forma muito insuficiente, também são dados passos para introduzir *curricula* transdisciplinares, visando uma formação superior adequada ao tratamento de uma matéria complexa e ramificada.

Mas as inquietações relativamente às condições ambientais não encontraram motivos para serenar. Vastas camadas da população, agora mais formadas e informadas, partilham uma consciência ambiental reforçada. De forma muito nítida, novas escalas do tempo e do espaço marcam as preocupações actuais. O que até há alguns anos era considerado um problema do futuro, revela-se um desafio do presente. Só medidas imediatas, às vezes urgentes, podem mitigar danos acumulados durante gerações de descuido ou de desconhecimento. A humanidade convive no quotidiano, real ou virtualmente, com acidentes ecológicos (e.g. derramamentos de petróleo, fugas de tóxicos para a atmosfera ou os sistemas fluviais) e catástrofes naturais (e.g. secas, inundações). Parte do que ontem parecia resolúvel ao nível local ou nacional, mostra-se hoje uma questão global, com soluções muito morosas, a exigir concertação entre povos e governantes, envolvendo todo o território da Terra.

Longe vão as fórmulas retóricas surgidas no discurso ambientalista dos anos de 1960 e 1970, em que o planeta era alegoricamente comparado a uma 'aldeia global', a uma 'nave espacial' ou a *Gaia*, a mitológica Mãe-Terra. As questões ambientais à escala global são hoje apreciadas e decididas em vastas assembleias de representantes, fortemente preparados em ecologia e economia: juntas as disciplinas que cuidam do *oikos* (do grego, para 'casa', 'família'; de onde deriva o prefixo 'eco').

2. A literatura e o ambiente têm uma antiquíssima relação de proximidade: o discurso ambiental apresenta-se na tradição oral e ao longo de toda a história da literatura; a representação do meio envolvente e a visão das desejadas ou temidas alterações, o imaginário do espaço e das descobertas, o encontro e o reencontro com os lugares, bem como outros tópicos associados, têm iluminado reiteradamente a produção literária.

"Falas da Terra: Natureza e Ambiente na Tradição Popular Portuguesa", o projecto do IELT – Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, do qual este livro é descendente e devedor, fez «uma leitura das relações entre os humanos e o seu ambiente (...); uma leitura do lugar atribuído por este povo a si mesmo no seio da natureza; uma leitura dos lugares, das hierarquias, enfim, da cosmovisão

que gerações de antepassados conceberam e viveram, herdaram e ofereceram como herança através de muitas palavras faladas» (Guimarães, Cancela da Fonseca e Barbosa 52). Revelou a literatura tradicional como «reserva para o conhecimento do ambiente natural» (57-64), e como repositório da relação do corpo (humano) com o seu meio físico (114) e das manifestações da vida e da morte (129-136).

Na literatura portuguesa dita consagrada encontram-se também inúmeros testemunhos da sua relação com o ambiente. Tomemos, como exemplo, algumas obras do século XX.

Há cerca de 60 anos, o movimento ambientalista deu os primeiros passos em Portugal. Ligado à sua génese, o poema “Serra Mãe” constituiu um grito de alerta lançado em 1947 por Sebastião da Gama contra a destruição da Mata do Solitário, na Serra da Arrábida (LPN 9):

O agoiro do bufo, nos penhascos, foi o sinal da Paz.
O Silêncio baixou do Céu,
mesclou as cores todas o negrume,
o folhado calou o seu perfume,
e a Serra adormeceu.

Depois, apenas uma linha escura
e a nódoa branca de uma fonte amiga;
a fazer-me sedento, de a ouvir,
a água num murmúrio de cantiga,
ajuda a Serra a dormir.

O murmúrio é a alma de um Poeta que se finou
e anda agora à procura, pela Serra,
da verdade dos sonhos que na Terra
nunca alcançou.

E os murmúrios de água escuto, mais além:
Os poetas embalam sua Mãe,
Que um dia os embalou. (100)

Em 1948, surgiu a Liga para a Protecção da Natureza. No início, esta associação de defesa do ambiente defendeu apenas causas relacionadas com a conservação da natureza – assumindo a representação da “Union Internationale pour la Conservation de la Nature” (fundada no mesmo ano, em Fontainebleau) –, diversificando depois as suas actuações com outras problemáticas de gestão dos recursos e ao planeamento territorial.

Miguel Torga tinha publicado o seu primeiro romance, *Vindima* (1945), e nele retratava uma realidade natural e sócio-cultural que, mais tarde, o próprio reconhecia já ter sido alterada:

Cingido à realidade humana do momento, romanceei um Doiro atribulado, de classes, injustiças, suor e miséria. E esse Doiro atribulado, está em vias de mudar (...) Desapareceram os patrões tirânicos, as cardenhas degradantes, os salários de fome. As rogas descem da Montanha de camioneta, a alimentação melhorou, o trabalho é menos duro. Também o rio já não tem cachões, afogados em albufeiras de calma (Prefácio da edição inglesa, 13).

Na mesma década, Aquilino Ribeiro publicava diversas obras ficcionais e não ficcionais sobre *Terras do Demo*, o seu território literário (e.g. *Aldeia: terra, gente e bichos*, *O Homem da Nave: serranos, caçadores e fauna vária*; *Uma Luz ao Longe* e *Cinco Reis de Gente*), nas quais representava a paisagem das serras da Nave e da Lapa. Mais tarde, em *Quando os Lobos Uivam* (1958), reportava a polémica política de florestação dos baldios – a qual operou uma das mais significativas alterações da paisagem do norte e centro de Portugal durante o século XX – e a contestação de muitas populações afectadas pela perda dos terrenos onde estas apascentavam gado e recolhiam mato e lenha.

Tal como Torga ou Aquilino, também Raul Brandão, Ferreira de Castro, Carlos de Oliveira, Fernando Namora e outros, sobretudo através de uma temática telúrica, contribuíram «para a génese da moderna consciência ambientalista» (Queirós 11). Nas suas obras literárias expressa-se a designada ‘imaginação ambiental’, a qual, de acordo com Lawrence Buell, confere ao texto algumas características essenciais: o ambiente não humano não ser apenas um cenário mas uma presença que sugere que a história da humanidade é parte da história natural; o interesse da humanidade não ser entendido como o único interesse legítimo; a responsabilidade da humanidade para com o ambiente constituir a orientação ética do texto; o ambiente ser apresentado como um processo, não como uma constante ou uma dádiva (“Environmental Imagination” 7-8).

Distanciados (ou não) de uma vivência rural, outros escritores do século XX construíram os seus cenários literários em ambientes urbanos ou peri-urbanos, sem que isso tenha implicado o desliga-

mento da sua obra aos temas ambientais. Em “Panfleto Contra a Paisagem” (1936/37), José Gomes-Ferreira reflecte a expansão industrial com consequências para a qualidade de vida, introduzindo de forma pioneira uma escala global, hoje reconhecida em toda a problemática ambiental da actualidade:

Deixem-nos o planeta descarnado e áspero
para vermos bem os esqueletos de tudo, até das nuvens
(...)

Um planeta feito de lágrimas e caveiras de sucata
Com morcegos que dançam na penumbra o enigma das tocas ...
E fábricas de galopes de cavalos com patas de fumo.
(...)

Deixem-nos o planeta despido de árvores de estrelas
A nós os poetas que estrangulámos todos os pássaros
Para ouvirmos mais alto o silêncio dos homens
– terríveis à espera
na sombra do chão
sujo da nossa morte... (85-6)

Em *Páscoa Feliz* (1932), José Rodrigues-Miguéis descreve o Cais da Areia: «As carroças e os camiões trovejavam todo o santo dia no pavimento irregular da rua. Cheirava ao mesmo tempo a gado, a fumo do carvão, a maresia, ao peixe frito das tabernas vizinhas – e ao bafio do escritório» (50). Esta é a Lisboa das forjas, «cavernas infernais, cheias de sombras e clarões, onde os homens, negros e vermelhos, semelhantes a monstros, fabricavam estrelas, malhando nas bigornas.» (50)

Em *Alexandra Alpha* (1987), José Cardoso-Pires olha para a mesma Lisboa industrial, em finais da década de 1960. Braço de Prata é um lugar pleno de agitação, com o seu «terminal de eléctricos com tascas à volta cheias de condutores e agulheiros», onde se vêem passar «as operárias da fábrica de material de guerra, com o seu andar alegre, suas batas de cotim», e se assiste «a fugas de vendedeiras ambulantes perseguidas por polícias.» (86)

Através do trabalho de Helena Vaz Duarte sobre a forma como a literatura tradicional atravessa a obra de José Saramago, evidencia-se também a relação entre a produção popularizante – «a obra que entretece o discurso literário com excertos de textos tradicionais, com intenções específicas, promovendo intercomunicação e per-

meabilidade entre estes dois tipos de discurso» (30) – e o ambiente. A investigadora identifica o uso de muitos provérbios (fixados e reescritos) que sugerem elementos biofísicos e saberes acerca da sua função. Revêem-se aqui alguns exemplos:

- «O primeiro milho é dos pardais, o melhor da colheita é para quem o merecer» (*O Ano da Morte de Ricardo Reis* 291);
- «Nem sempre galinha, nem sempre sardinha, umas vezes companhia de Jesus, outras vezes companhia de João, ambos reis» (*Memorial do Convento* 304);
- «Morto o bicho, acabou-se a peçonha, foi o ditado pouco respeitoso que lhe saiu pela boca fora, chamar bicho peçonhento à mulher desconhecida» (*Todos os Nomes* 246);
- «O mundo vê o mundo com os olhos que tem» (*A Jangada de Pedra* 218);
- «O mundo é ele uma nora, e são os homens que, andando em cima dele, o puxam e fazem andar» (*Memorial do Convento* 66).

3. A investigação sobre literatura e ambiente, denominada 'green studies', 'ecocriticismo' (*ecocriticism*, um termo cunhado por William Rueckert em 1978, num texto republicado posteriormente em *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*, 105-23) ou 'criticismo ambiental' (Buell, "Future" 11-3), tem evoluído no sentido de reconhecer que

all texts are at least potentially environmental (and therefore susceptible to ecocriticism or ecologically informed reading) in the sense that all texts are literally or imaginatively situated in a place, and in the sense that their authors, consciously or not, inscribe within them a certain relation to their place. (Kern 259)

Neste contexto, «the reach of 'ecocriticism' (...) should extend from the oldest surviving texts to works of the present moment» (Buell, "Endangered World" 2). Promovendo o alargamento do *corpus* literário sobre o qual estes estudos se devem desenvolver, *Beyond Nature Writing*, com edição de K. Armbruster e K. Wallace, compila reflexões sobre obras canónicas da literatura mundial (e.g. de Thomas Hardy e, Virgínia Woolf) e sobre alguns textos pós-modernos que referem criaturas extra-terrestres ou tratam de paisagens virtuais. É neste contexto que Patrick Murphy exprime o seu entendimento sobre a relação da literatura de ficção científica com a Natureza:

on one and, directs reader attention toward the natural World and human interaction with other aspects of nature within that World, and, on the other hand, makes specific environmental issues art of the plots and themes of various works. (263)

Na actualidade, revela-se consensual que o 'texto ambiental' não constitui um subgénero literário; ao contrário, reconhece-se «environmentality as a property of any text» (Buell, "Future" 25). Para a pergunta de John Felstiner, «can poetry save the Earth?», o próprio encontra a resposta citando o historiador ambiental Willian Cronon: «'we must think long and hard about the nature we carry inside our heads, whether wild, rural, or urban'. Poems do best at trying nature to what's in our heads» (6).

Para o criticismo ambiental, defende-se um novo paradigma que, não só alargue o *corpus* literário, como considere a relevância dos ambientes urbanos e industriais a par dos ambientes naturais. Este deve avançar através de formas mais cosmopolitas de compreender o discurso ambiental, «being a wide-open movement stil sorting out its premises and its powers» (Buell, "Future" 28). O «dragão do pântano», designação aplicada a uma diferente perspectiva de ecocrítica, deve ainda substituir a análise baseada nos valores da transcendência, da imutabilidade e do controlo: «finds the transcendence of the light inside the material world, eternity in the flux of matter, and distance as a sign of respect for the autonomy of otherkind» (Lioi 27).

Pioneiro da educação ambiental em Portugal, João Evangelista confirmou, com a sua própria experiência, o papel da literatura na percepção do ambiente, que resulta da forma como os escritores exprimem a relação entre os seres vivos e os elementos abióticos (24). Melhor compreensão dos componentes e dos processos naturais, competência geralmente designada por 'ecoliteracia', é considerada uma chave para os novos desafios ambientais. Um estudo conduzido por Pilgrim, Smith e Pretty conclui que a leitura (descriptor «books») constitui uma fonte de ecoliteracia que secunda os conhecimentos primários obtidos através da aprendizagem com familiares, e ocupações ou actividades de lazer associadas ao meio ambiente (1746). São dados que reforçam experiências pedagógicas desenvolvidas em contexto escolar e dirigidas para jovens e crianças. Terrel

Dixon descreve a sua prática como docente de eco Composição, «classes that emphasize reading and writing about nature and the environment» (77), na Universidade de Houston Central Campus. Os jovens, inicialmente alheios de leituras que evocavam ambientes selvagens, tão diferentes daqueles onde viviam, foram motivados para descobrir os elementos naturais presentes no meio urbano e suburbano da cidade. Colocados a viver a experiência da paisagem, e a reflectir sobre obras literárias em que a vida urbana é retratada, passaram a reconhecer e a valorizar a sua presença no quotidiano dos parques, jardins e arrabaldes, e partiram disso para um envolvimento mais profundo na temática da conservação da natureza:

[a]ll of this helped move the notion of environment from abstraction to tangible concern (...) Building on this new sense of involvement, the class slowly worked its way back into the original reading list. This time the connections came more easily. Thoreau's notion of wildness – the students now saw – could help improve their corner of the world as well as to preserve Yosemite National Park. It came to hold more interest and appeal. (87)

Scott Hess defende a necessidade de valorizar o ambiente como um todo e reclama uma redefinição do *green* dos estudos literários (*sensu corpus/campo*), de forma a incluir o que chama a «everyday nature»: não apenas as áreas mais recônditas e despovoadas do planeta, selvagem e/ou de um extraordinário valor estético, mas o ambiente onde vive e trabalha grande parte da população mundial. Esta mudança, defende Hess, é necessária para alterar atitudes ambientalmente incorrectas: «people will only internalize an environmental ethos deeply, in terms of their everyday awareness and choices, if that ethos directs their attention meaningfully to everyday actions and environments» (106).

A crítica que explora a dimensão ambiental do texto literário assume-se, ainda, como um contributo para o combate à crise que afecta o planeta:

I hope the reader will come to share my sense both of the power of environmental influences as a shaping force in works of creative imagination and the power of those works, contending against the foreshortened vision that afflicts us all, to articulate what 'environment' is and might be. (Buell, "Endangered World" 29)

De facto, muitos dos problemas da gestão dos recursos naturais e da preservação da biodiversidade só encontram solução em estratégias integradas, que considerem as suas dimensões naturais e sociais: «issues of vision, value, culture, and imagination are keys to today's environmental crises at least as fundamental as scientific research, technological know-how, and legislative regulation» (Love 16). Mas para que a crítica ambiental possa assegurar esse papel, esta deve constituir um universo de diálogo entre as humanidades e as ciências do ambiente, em particular a ecologia.

Nos últimos anos, alguns dos seus mentores têm advogado a necessidade de reforçar a competência científica da ecocrítica, «separating it from that devaluing of the real that characterizes much literary criticism of recent years» (Love 16). Ursula Heise criticou a tradicional compartimentação disciplinar que afasta a perspectiva das ciências das abordagens das artes e das humanidades:

Even where science is not rejected, it frequently functions simply as a means of reconfirming the beauty and complexity that the author already assumes to be inherent in nature, without any real conceptual bridging between scientific description and aesthetic valuation (<http://www.arts.uwa.edu.au/MotsPluriels/MP1199ukh.html>).

Não consensuais entre os que se debruçam sobre os conteúdos ambientais na Literatura, as afirmações de Glen Love e Ursula Heise são acompanhadas por Greg Garrard, ainda que através de uma posição menos polemizada: «ecocritics may not be qualified to contribute to debates about problems in ecology, but they must nevertheless transgress disciplinary boundaries and develop their own 'ecological literacy' as far as possible» (5).

É por isso que, sob um mesmo enquadramento interdisciplinar e em torno do discurso ambiental e da sua crítica, se reúnem investigadores e projectos que analisam textual, teórica e historicamente a experiência humana, estudam a literatura como repositório de reflexão para a ética ambientalista, investigam a relação da escrita com o quotidiano e a prática pedagógica, e ensaiam a possibilidade de partir da análise de textos literários para certas formas de investigação científica no domínio da ecologia, da biologia evolutiva ou da geografia.

BIBLIOGRAFIA

- Buell, Lawrence. *Environmental Imagination. Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1995.
- . *Writing for an endangered world: Literature, Culture, and Environment in U.S. and Beyond*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 2001.
- . *The Future of Environmental Criticism*. Malden, Oxford, Carlton, Blackwell Publishing, 2005.
- Cardoso-Pires, José. *Alexandra Alpha*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999.
- Dixon, Terrel. Inculcating wildness. *Ecocomposition, Nature Writing, and the Regreening of the American Suburb*. Bennett, Michael, Teague, David W. (Eds). *The Nature of Cities. Ecocriticism and Urban Environments*, 77-90. Tucson, The University of Arizona Press, 1999.
- Duarte, Helena Vaz. *Provérbios Segundo José Saramago*. Lisboa, Edições Colibri, 2006.
- Evangelista, João. *Educação Ambiental: uma visão de leitura e compreensão*. Lisboa, Instituto de Inovação Educativa, 1999.
- Felstiner, John. *A field guide to nature poems*. New Haven, Yale University Press, 2009.
- Gama, Sebastião da. *Cabo da Boa Esperança*. Lisboa, Edições Ática, 1993.
- Garrard, Greg. *Ecocriticism. The new critical idiom*. Oxon, Routledge, 2004.
- Gomes-Ferreira, José. *Poesia I*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1972.
- Guimarães, Ana Paula, Barbosa, J., Cancela da Fonseca, Luís. *Falas da Terra. Natureza e Ambiente na Tradição Popular Portuguesa*. Lisboa, Edições Colibri, 2004.
- Heise, Ursula. *Science and Ecocriticism. Mots Pluriels 11*. <http://www.arts.uwa.edu.au/MotsPluriels/MP1199ukh.html>, 1999.
- Hess, Scott. *Imagining an Everyday Nature. Interdisciplinary Studies in Literature and Environment 17.1*: 85-112.
- Kern, Robert. *Ecocriticism: what is it good for?* Michael P. Branch; Slocic, Scott (Eds), *ISLE Reader. Ecocriticism, 1993-2003*, 258-281. Athens, London, The University of Georgia Press, 2003.

- LPN. 60 anos pela Natureza em Portugal. Lisboa, LPN, 2008.
- Lioi, A. Of Swamp Dragons. Ingram, A.M., Marshal, I., Philippon, D.J., Sweeting, A.W. (Eds). *Coming into contact. Explorations in Ecocritical theory and Practice*, 17-38. Athens, The University of Georgia Press, 2007.
- Love, Glen. A.. *Practical Ecocriticism: literature, biology, and the Environment* (Under the sign of Nature: explorations in Ecocriticism). Charlottesville, University of Virginia Press, 2003.
- Murphy, Patrick D.. The Non-Alibi of Alien Scapes: SF and Ecocriticism. Armbruster, Karla, Wallace, Kathhleen R. (Eds.) *Beyond Nature Writing. Expanding the Boundaries of Ecocriticism*, 263-78. Charlottesville, University Press of Virginia, 2001.
- Queirós, António. *A contribuição dos poetas e prosadores portugueses para a génese da moderna consciência ambientalista*. Tese de Mestrado em Filosofia da Natureza e do Ambiente. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2000.
- Rodrigues-Miguéis, José. *Páscoa Feliz*. Lisboa, Editorial Estampa, 1981.
- Rueckert, William. Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism. Glotfelty, Cheryl; Fromm, Harold (Eds). *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens, University of Georgia Press, 1996.
- Saramago, José. *Memorial do Convento*. Lisboa, Editorial Caminho, 1995.
- *Todos os Nomes*. Lisboa, Editorial Caminho, 1997.
- *A Jangada de Pedra*. Lisboa, Editorial Caminho, 1997.
- *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Lisboa, Editorial Caminho, 1998.
- Torga, Miguel. *Vindima*. Lisboa, D. Quixote, 2003.